

# POESIA, DIÁSPORA E MIGRAÇÃO

## quatro vozes femininas\*\*

### POESÍA, DIÁSPORA Y MIGRACIÓN: CUATRO VOCES FEMENINAS

Prisca Rita Agustoni de Almeida Pereira\*  
Universidade Federal de Juiz de Fora

#### RESUMO

O presente trabalho pretende colocar em diálogo a produção poética de quatro autoras afrodescendentes contemporâneas (Dionne Brand, Lucille Clifton, Conceição Evaristo e Marie-Célie Agnant), com o intuito de verificar de qual maneira elas abordam e atualizam temas caros à diáspora africana que originou as sociedades nas quais elas se formaram. Por outro lado, pretende-se verificar como o processo migratório de duas delas (Brand e Agnant) interfere na elaboração do próprio universo poético, atualizando as questões da diáspora à luz das perspectivas globais contemporâneas.

#### PALAVRAS-CHAVE

Migração, poesia feminina, diáspora africana

A tendência sempre crescente ao longo da segunda metade do século 20 de pessoas que migraram mais ou menos espontaneamente de um lugar para outro, de um hemisfério para outro, em busca de condições mais dignas de vida e de trabalho, representa um evidente marco da nossa contemporaneidade, conforme assinala Spivak,<sup>1</sup> e consiste num fluxo migratório transnacional que, como observa Silviano Santiago,<sup>2</sup> muitas vezes ocorre na clandestinidade.

Para comprovar isso, é só abrir os principais jornais das metrópoles do mundo, para encontrar matérias sobre as tensas periferias urbanas, manifesto de uma sociedade em estado de ebulição social, étnica e religiosa, conforme alerta também o brilhante ensaio de Pap Ndiaye, *La condition noire*, publicado na França em 2008, ou, mais recentemente,

---

\* [priscaagustoni@yahoo.com.br](mailto:priscaagustoni@yahoo.com.br)

\*\* O presente artigo é resultado da pesquisa de pós-doutoramento realizada no Programa Pós-Lit da UFMG, sob a tutoria da professora Sandra Regina Goulart de Almeida, entre agosto de 2010 e julho de 2011. Agradece-se a Capes, pela bolsa de pós-doutoramento concedida, que permitiu a realização desta pesquisa.

<sup>1</sup> SPIVAK. *Diasporas old and new: women in the transnational world*, p. 245.

<sup>2</sup> SANTIAGO. *O cosmopolitismo do pobre*, p. 51.

acompanhar os desdobramentos dramáticos da Primavera Árabe, resultante na constante chegada (ou tentativa de chegada) de barcos norte-africanos cheios de clandestinos desejosos de pisar o chão da idílica ilha italiana de Lampedusa, primeira porta de entrada para uma ansiada nova vida.

Esse fenômeno migratório, clandestino, pode-se dizer, o mais recente dos muitos registrados na história, determinou o perfil de espaços multiculturais, cuja ordem social se viu fortemente afetada pela nova configuração geopolítica, conforme aponta Saskia Sassen.<sup>3</sup> Uma ordem geopolítica dividida em termos de classes econômicas e de gênero, e altamente excludente, a partir da condição de *sans papier* de muitos dos que migraram e decidem migrar. Mas, também, uma (nova) ordem geopolítica que precisa lidar com noções sobrepostas de tempo, espaço, cultura e episteme, conforme assinala Walter,<sup>4</sup> formando um palimpsesto em que os conceitos e as pessoas se relacionam e forçam uma negociação constante, pelo mero fato de entrarem em contato (virtual ou presencial) e de apresentarem distintas perspectivas e visões de mundo, instadas também pela velocidade e maior facilidade de acesso aos meios de comunicação instantâneos.

Em decorrência disso, os que se voltam para a análise crítica desses fenômenos, tanto no espaço social como no simbólico, devem prestar atenção para a mudança epistemológica que está envolvida nesse processo. Sem dúvida, o paradigma de mudança da episteme não é exclusividade de nossas sociedades contemporâneas, uma vez que a história sempre registrou grandes movimentos diaspóricos ao longo dos séculos.<sup>5</sup> Sempre que há encontros entre culturas, surge também um embate epistemológico que se desdobra na negociação de valores, símbolos e códigos culturais.

Conforme ainda observa Walter, ao se referir ao conceito de “desterritorialização” – condição daqueles que migram de um contexto geográfico, cultural e social para outro –, consideramos que ele se refira a “um duplo signo de perda e sofrimento e de potencialização que aloja a reterritorialização, ou seja, a capacidade de transformação enquanto oportunidade de escolher novas posições de sujeito”.<sup>6</sup> Isso já aconteceu com a diáspora africana nas Américas, que acarretou a configuração, por parte dos sujeitos diaspóricos afro-(latino) americanos, de localizações identitárias dinâmicas e não marcadas pelo binarismo caro ao modelo eurocêntrico cartesiano e iluminista. Contudo, como observa Leila Harris, “para o sujeito diaspórico, a negociação de novos espaços culturais, crucial para a construção identitária ou seu sentido de pertencimento, é influenciada – e em alguns casos determinada – por questões de raça, gênero e etnia”.<sup>7</sup> Roland Walter especifica que

---

<sup>3</sup> SASSEN. *The global city*: New York, London, Tokyo.

<sup>4</sup> WALTER. *Afro-América*: diálogos literários na diáspora negra das América, p. 43.

<sup>5</sup> Para uma trajetória da definição do conceito de “diáspora”, ver CLIFFORD. *Diasporas*. Para a ampliação do mesmo conceito na contemporaneidade, ver SAFRAN. *Diasporas in modern societies: myths of homeland and return*.

<sup>6</sup> WALTER. *Afro-América*: diálogos literários na diáspora negra das América, p. 65.

<sup>7</sup> HARRIS. *Em trânsito: o lar da diáspora nos contos de Dionne Brand*, p. 95.

(...) esta ambivalência é característica da escrita africana pós-colonial das Américas na qual a desterritorialização da migração constitui um lugar de alienação e reconexão – lugar este, não somente em termos geográficos, históricos e intersubjetivos, mas também em termos de posição de classe, raça, sexualidade e gênero.<sup>8</sup>

A noção de “alienação” decorre, na reflexão de Walter e dos teóricos da diáspora pan-africana, em função da experiência transcultural da *Middle passage* e dos desdobramentos que se produziram, nos respectivos países, durante o processo escravocrata, após a abolição, ao longo do século 20 até chegarmos à diáspora migratória contemporânea ou neoliberal. Nesse sentido, a determinação do próprio “eu” depende menos de definições e posições identitárias cristalizadas e mais do movimento intervalar entre um lugar e outro, entre um sistema significativa e outro, entre um sistema de valores e outro.

Isso se torna mais relevante quando nos debruçamos sobre a produção literária de mulheres afrodescendentes, pois, de acordo com a teórica caribenha Carol Boyce-Davies, a literatura escrita pelas mulheres negras deveria ser considerada “como uma série de cruzamentos de fronteiras e não como uma categoria de escrita fixa geográfica, étnica e nacionalmente”.<sup>9</sup>

Isso quer dizer que, além do elemento relacionado à origem geográfica – ser ou não ser escritor “americano” – e além do elemento étnico – ser ou não ser escritor negro –, o dado relativo à questão do gênero – ser homem ou mulher quem escreve – tem muita relevância para determinar a modalidade de escrita. De fato, isso se explica por que “é a convergência de muitos lugares e culturas que re-negocia a experiência das mulheres negras que, ao mesmo tempo, negocia e volta a negociar outra vez sua identidade”.<sup>10</sup> A relação entre o espaço geográfico vivenciado pelos afrodescendentes, onde materialmente vivem e de onde constroem suas representações, e sua produção literária (simbólica), tende a revelar, conforme assinala McKittrick, que “as geografias históricas e contemporâneas dos negros localizam e centralizam a noção de que as populações da diáspora negra contaram e estão contando de que maneira seus entornos forjaram as próprias vidas”.<sup>11</sup>

A relação entre a criação e o entorno geográfico parece ser crucial para a configuração das escritoras afrodescendentes contemporâneas, uma vez que o escrutínio no passado diaspórico e a nova migração contemporânea destacam os dois aspectos evidenciados por McKittrick, determinando a construção da identidade formulada nos textos.

A esse propósito, nos propomos, neste ensaio, evidenciar – através de fragmentos das obras das poetisas Dionne Brand (Trinidad e Tobago/Canadá), Marie-Célie Agnant (Haiti/Canadá), Lucille Clifton (Estados Unidos) e Conceição Evaristo (Brasil) – o movimento de escavação na memória histórica e pessoal como um procedimento que desloca e faz migrar o ponto de vista sobre determinado acontecimento e enfatiza o que está dito nas entrelinhas, tanto da história quanto do texto literário. Sem dúvida, a

<sup>8</sup> WALTER. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*, p. 65.

<sup>9</sup> DAVIES. *Black, women, writing and identity: migrations of the subject*, p. 4.

<sup>10</sup> DAVIES. *Black, women, writing and identity: migrations of the subject*, p. 3.

<sup>11</sup> MCKITTRICK. *Demonic grounds: black women and the cartographies of struggle*, p. XXI.

diferença entre os distintos contextos culturais, os diferentes fatos históricos e as variadas tradições literárias que alinhavam o discurso das poetisas é fato a se considerar como amenizador para qualquer generalização inoportuna. Também a partir de uma perspectiva comparatista, essas diferenças representam um instigante estímulo para avaliar como cada autora lida com elementos que são comuns à construção de suas sociedades.

A norte-americana Lucille Clifton e a brasileira Conceição Evaristo escrevem suas obras a partir de determinado lugar (o próprio país) e a partir de um determinado “evento” transnacional e intercultural (a diáspora africana que ocasionou a emergência de uma série de encontros e desdobramentos culturais), conforme aponta Gilroy,<sup>12</sup> identificando o Atlântico como o lugar geográfico e simbólico pelo qual transitaram essas culturas. Em particular, na obra dessas autoras, o resgate da memória dos eventos que são “África” e “a escravidão”, de acordo com a concepção de David Scott,<sup>13</sup> participa na construção dos discursos de afirmação e de autorrepresentação dos afrodescendentes, e parece responder a uma vontade explícita de resignificar esses eventos à luz de um questionamento que possa trazer um olhar positivo, valorizador, e concreto a partir da realidade contemporânea que as rodeia.

Já no caso de Dionne Brand e Marie-Célie Agnant, podemos observar que, além desse pano de fundo histórico-cultural relativo à diáspora africana no Caribe, as autoras desenvolvem suas poéticas pela perspectiva do gênero feminino e da descendência africana, mas com o olhar e a atenção voltados para a diáspora contemporânea, ou a “nova diáspora”,<sup>14</sup> isto é, o processo migratório de muitos caribenhos e estrangeiros para o Canadá, país de residência e de segunda nacionalidade das autoras. Em particular, dentro desse processo migratório, a presença das mulheres como agentes que se deslocam voluntariamente, como sugere Davies<sup>15</sup> – apesar das precárias condições de vida do contexto de origem muitas vezes constituir um estopim para a migração, conforme veremos em Agnant –, representa o eixo a partir do qual elas falam, exemplificando, dessa forma, a nova diáspora e propondo um discurso e uma reflexão acerca desse fenômeno tão intrínseco à região de origem de ambas.

A esse propósito, é instigante debruçar-nos sobre o trabalho das quatro poetisas, por representarem, embora com as devidas diferenças e peculiaridades, vozes de poetisas e pensadoras contemporâneas ativas no cenário literário nacional e internacional. De fato, elas interferem na construção coletiva de uma reflexão acerca de “novas posições de sujeito”<sup>16</sup> negro, feminino e não mais subalterno, cientes de que as sociedades americanas mantêm, mesmo que dissimulados, elementos do legado e pensamento colonial. Ao proporem essa reflexão, elas indicam possíveis rumos das respectivas sociedades acerca da redefinição de uma identidade deslocada, múltipla, hifenizada, conforme assinala Stuart Hall,<sup>17</sup> sendo que essas sociedades se veem sempre mais pressionadas interna e externamente por forças e agentes de natureza global.

---

<sup>12</sup> GILROY. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*, p. 39.

<sup>13</sup> SCOTT. *That event, this memory: notes on the anthropology of diaspora in the New World*, p. 278.

<sup>14</sup> SPIVAK. *Diasporas old and new: women in the transnational world*, p. 245.

<sup>15</sup> DAVIES. *Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora*, p. 750.

<sup>16</sup> WALTER. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*, p. 65.

<sup>17</sup> HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 71.

A identidade que as autoras em tela parecem sugerir, conforme veremos ao longo do artigo, através dos questionamentos levantados nos poemas e na reflexão crítica, comporta a noção da ambivalência, intrínseca ao processo diaspórico que fundamentou as respectivas sociedades. Por isso, é válido adotarmos, como operadores críticos, os conceitos de *roots and routes*,<sup>18</sup> propostos por James Clifford,<sup>19</sup> na medida em que o discurso que as autoras propõem, fruto da consciência da própria origem diaspórica aliado a um distanciamento crítico para com o processo de construção da sociedade nas quais nasceram, articula noções de fixidez e origem paralelamente a noções de movimento, migração e conseqüente redefinição da própria identidade, como sugere Almeida ao relacionar o deslocamento, motor da diáspora, ao movimento interior de autoconhecimento do sujeito diaspórico,<sup>20</sup> corroendo, dessa maneira, conceitos cristalizados de pertencimento, nação, espaço e identidade.

Nesse sentido, em se tratando de quatro poetisas pensadoras e questionadoras da contemporaneidade, nos apoiamos nas reflexões de Edward Said, para quem é tarefa do intelectual tentar desfazer e questionar os estereótipos e as categorias cristalizadoras que contribuem para enjaular o pensamento humano e difundir ideologias castradoras, ao apontar as contradições sobre as quais se fundamenta determinada sociedade e, dessa forma, estimular a reflexão crítica.<sup>21</sup> No entanto, conforme sugere Said, esse modelo de intelectual atua no cotidiano, na medida em que a mensagem que articula está vinculada a uma atitude que se desdobra na sociedade, e se sustenta em “um estado de alerta constante”.<sup>22</sup>

Isso quer dizer que as tarefas, historicamente reservadas às mulheres negras, dentro de um contexto patriarcal e escravocrata,<sup>23</sup> assumem, à luz dessa perspectiva, um valor muito importante de transmissão de um saber coletivo e de manutenção/recriação de uma noção de *root and route*, conforme observa também Clifford:

As mulheres da diáspora ficam presas entre patriarcados, passados e futuros ambíguos. Elas conectam e desconectam, esquecem e lembram de acordo com modos complexos e estratégicos. As experiências vivenciadas pelas mulheres diaspóricas envolvem, dessa forma, a experiência dolorosa de serem mediadoras de mundos discrepantes (...).<sup>24</sup>

O relacionar-se constantemente com um passado ambíguo, silenciador das vozes despidas de poder e de autoridade e desfigurador dos sujeitos anônimos que o animaram, um passado muitas vezes filtrado no presente através das fontes excludentes da historiografia oficial, faz com que a atividade de escrita e reflexão das autoras

---

<sup>18</sup> Esses conceitos indicam a noção de raiz e caminho, ou seja, de algo fixo (*root*) e algo em andamento (*route*), revelando a ambigüidade inerente ao processo diaspórico. Preferimos não traduzir os conceitos em português.

<sup>19</sup> CLIFFORD. *Diasporas*, p. 308.

<sup>20</sup> ALMEIDA. *A nova diáspora e a literatura de autoria feminina contemporânea*, p. 197.

<sup>21</sup> SAID. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*, p. 10.

<sup>22</sup> SAID. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*, p. 60.

<sup>23</sup> Para mais detalhes sobre a condição da mulher negra no contexto escravocrata brasileiro, indico o livro de Sonia Maria Giacomini, *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra*.

<sup>24</sup> CLIFFORD. *Diasporas*, p. 314, tradução nossa.

afrodescendentes dinamize o passado “acionando-o de tal modo que esse incessantemente problematize o presente e interrogue o futuro”.<sup>25</sup>

Essa “política do cotidiano”<sup>26</sup> é exercida pelas autoras de forma diferenciada, de acordo com as peculiaridades estéticas e temáticas de cada qual; mas parece-me que nas quatro autoras em tela o tema da inserção simbólica, social e física do corpo negro nas sociedades pós-coloniais às quais elas pertencem é elemento central, partindo de uma revisão dos clichês e estereótipos a ele atribuídos pela máquina colonial, como no caso de Evaristo e Clifton, passando pelo corpo, que, metonimicamente, encarna as ruínas do país de origem, como em Agnant, até chegar à concepção de um “corpo globalizado”, como é o caso da poesia mais recente de Dionne Brand. Essas operações de revisão e reposicionamento do corpo feminino afrodescendente se tornam possíveis graças a “uma série de cruzamentos de fronteiras”, como assinala Carol Boyce-Davies,<sup>27</sup> ou seja, graças à quebra de fronteiras no gênero literário, de fronteiras simbólicas (são mulheres negras que têm hoje uma posição de destaque no cenário cultural e intelectual), de fronteiras sociais (por terem tido uma ascensão social) e de fronteiras geoculturais (por todas elas terem vivenciado a experiência de abertura para o mundo).

O fato de elas serem autoras oriundas da diáspora afro-americana e de transitarem num “entre-lugar” simbólico – a “passagem do meio” e o navio negreiro comentados por Gilroy continuam sendo signos significantes, vetores que circulam no espaço do imaginário das autoras – faz delas garimpeiras de pequenas versões da história com “h” minúscula, recopiladas em inventários poéticos, o que lhes permite desenvolver “modos plurais para escrever a propósito do conceito de casa, comunidade e exílio”, conforme aponta Wendy Walters.<sup>28</sup>

Conforme assinalamos, a poesia da brasileira Conceição Evaristo tem como eixo central o resgate da figura da mulher negra como “força-motriz”, lugar de regeneração da vida. Na coletânea *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), e em particular no poema “Eu-mulher”, Evaristo vincula a feminilidade à revalorização do que existe de mais natural, ancestral – no sentido de vinculado com os ritmos naturais da terra, da fecundação e da relação com o universo – no corpo feminino. Com isso, não significa que ela se sujeite à dominação masculina, que, tradicionalmente, na sociedade ocidental, associou a capacidade reprodutora da mulher à sua condição de inferioridade. Ao contrário, Evaristo supera essa concepção binária, gendrada e eurocêntrica, para se aproximar de uma visão daquilo que Glissant preconizava como sendo um dos traços das culturas diaspóricas do Caribe: a abertura, a relação com o outro, a integração do sujeito com a natureza e com o cosmos, em prol de uma poética (não somente letrada) que fizesse de cada signo, de cada gesto, de cada sujeito, o “moto-contínuo do mundo”.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> GOMES. Visíveis e invisíveis grades: vozes de mulheres na escrita afro-descendente contemporânea, p. 18.

<sup>26</sup> HOOKS. Intelectuais negras, p. 466.

<sup>27</sup> DAVIES. *Black, women, writing and identity: migrations of the subject*, p. 4.

<sup>28</sup> WALTERS. *At home in diaspora*, p. IX.

<sup>29</sup> EVARISTO. *Poemas de recordação e outros movimentos*, p. 18.

Ao fazer isso, Evaristo contribui para reverter o quadro de representação histórica da mulher negra na sociedade brasileira, marcado tão profundamente pela herança escravocrata, que via na mulher negra uma fonte de exploração sexual e social, um objeto de manuseio por parte do senhor, defraudada inclusive no sentimento mais íntimo e primordial como é o da maternidade, conforme alerta Sonia Maria Giacomini, ao comentar fatos históricos como os infanticídios cometidos pelas escravas na época colonial, ou os muitos abusos e estupros que elas viviam e que acabavam gerando gravidezes indesejadas seguidas de enfermidades e morte.<sup>30</sup>

Outros poemas revelam essa tentativa, burilada com ternura, esmero e firmeza, de dominar a produção do discurso relativa ao seu próprio corpo feminino negro e assumir o desejo desse corpo de mulher, cantar suas peculiaridades. Nesse sentido, o corpo na poesia de Evaristo se conecta com a concepção de um sagrado baseado na noção de ancestralidade, o que permite que a releitura da história colonial permita à mulher negra ganhar transcendência, transformação, esperança, por superar as camisas de força impostas sobre ela pelo olhar social e culturalmente construído ao longo da colonização.

Outro estereótipo central à cultura colonial foi a naturalização do corpo negro, sua associação com a terra americana, seus frutos, suas plantas. No poema “Frutífera”,<sup>31</sup> a autora remete claramente a esse processo metonímico de transformar partes do corpo da negra e da mulata em frutos, tão em voga durante as vanguardas artísticas do início do século 20. Evaristo também nomeia o corpo do eu lírico através de metáforas frutíferas, mas desta vez, a mulher que fala no poema se entrega voluntariamente, revela seu desejo, é ativa e não mais objeto passivo de abuso ou idealização erótica. Como observa Nazareth Fonseca, essa mudança de paradigma “ocorre da intenção desse feminino corpo da negrura de assumir as pulsões de um corpo vivo, manifesto através do seu desejo”<sup>32</sup> e legitima um espaço de expressão e liberdade feminina, reiterada explicitamente no poema “Do fogo que em mim arde”,<sup>33</sup> quando Evaristo escreve: “(...) Sim, eu trago o fogo, / o outro, / aquele que me faz, / e que molda a dura pena / de minha escrita. / É este o fogo, / o meu, o que me arde / e cunha minha face/ na letra-desenho / do auto-retrato meu.”<sup>34</sup> Em decorrência disso, as metáforas frutíferas presentes nos seus versos, assim como as referências metatextuais (“meia palavra mordida / me foge da boca”<sup>35</sup>), denotam uma sensualidade que responde às pulsões de um corpo vivo, que tem pensamentos, palavras e desejos.

Na obra da norte-americana Lucille Clifton também encontramos uma constante reelaboração da representação da mulher negra afro-americana, na sua concretude corporal, na sua produção de um *logos* e na sua construção simbólica. Nesse ponto se concentram as principais elaborações operadas pela autora, isto é, Clifton mostra uma

---

<sup>30</sup> GIACOMINI. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*, p. 70-88.

<sup>31</sup> EVARISTO. *Poemas de recordação e outros movimentos*, p. 66.

<sup>32</sup> FONSECA. *Vozes femininas em afrodições poéticas: Brasil e África portuguesa*, p. 290.

<sup>33</sup> EVARISTO. *Poemas de recordação e outros movimentos*, p. 19.

<sup>34</sup> EVARISTO. *Poemas de recordação e outros movimentos*, p. 19.

<sup>35</sup> EVARISTO. *Poemas de recordação e outros movimentos*, p. 18.

tentativa constante de tematizar a maneira como ocorrem os deslocamentos simbólicos dentro do processo de revisão e redefinição identitário.

Isso pode ser compreendido melhor se consideramos que, conforme observa Antonio Tillis,<sup>36</sup> “uma das proposições sobre as mudanças geográficas e geopolíticas do ‘negro’, compartilhada pela historiografia, diz respeito à noção de gerenciamento de raça e gênero, sustentada por uma falsa representação nacional coletiva”. Nesse sentido, os versos da coletânea *Some Jesus* propõem uma releitura, em chave “racial”, dos mitos fundadores do cristianismo, como no poema “Solomon”, e mais particularmente, no poema “Jonah”:<sup>37</sup>

what i remember  
is green  
in the trees  
and the leaves  
and the smell of mango  
and yams  
and if i had a drum  
i would send to the brothers  
– be care full of the ocean –

Nesse poema, o processo mnemônico do eu poético traz flashes de vida cotidiana que parecem indicar um contexto histórico-geográfico relacionado à diáspora: tanto a manga quanto o inhame são elementos que podem sinalizar o universo afro-americano, e a menção ao tambor, signo tão marcante da epistemologia da diáspora nas Américas, é fundamental, pois mostra que esse “eu enunciador” se serve do tambor para passar mensagens, como um instrumento de comunicação e não (apenas) como um mero objeto que produz som e música.

A mensagem que esse tambor veicularia é de cuidado, para que os *brothers* – também palavra que é código de identificação entre afro-americanos – tenham cuidado com o oceano, uma referência à *Middle Passage*, já mencionada. Por outro lado, esse Jonas, que talvez releia a aventura do profeta e da sua peregrinação por três dias na barriga de um peixe no fundo do mar, fala tudo em tom menor, em minúsculas, como a querer mostrar que não se deseja aqui trocar um discurso de fundação por outro, e sim deslocar a perspectiva, que, da totalidade do discurso mítico e hegemônico, dialoga e aceita as outras histórias, adaptações dos mitos que compõem o Livro Sagrado, tão importante no contexto histórico-cultural para os afro-americanos ligados às igrejas protestantes.

A insinuação do erotismo nesse discurso religioso também comporta a abertura de uma fresta na possibilidade de expressão de um eu enunciador feminino. Vejamos a delicadeza do poema “Mary”,<sup>38</sup> também escrito em primeira pessoa e em minúsculas:

---

<sup>36</sup> TILLIS. Mulher, negra, caribenha, canadense e lésbica: representando os vários “selves” na poesia de Dionne Brand, p. 149.

<sup>37</sup> CLIFTON. *Blessing the boats: new and selected poems 1988-2000*, p. 100. No artigo, optou-se por manter a citação de estrofes inteiras dos poemas em língua original. No entanto, quando se citam apenas alguns breves fragmentos, eles estão em português, em tradução nossa.

<sup>38</sup> CLIFTON. *Blessing the boats: new and selected poems 1988-2000*, p. 102.



this kiss  
as soft as cotton

over my breasts  
all shiny bright

something is in this night  
oh Lord have mercy on me

i feel a garden  
in my mouth

between my legs  
i see a tree

Novamente, interessa-nos aqui a releitura do sagrado (um sagrado que é mantido vigente pela forte ligação do humano com a natureza), mas sem o discurso da ideologia da instituição religiosa, uma vez que a noção de corpo e de erotismo é deixada como uma insinuação aberta. Dessa forma, permite-se conceber que a mulher – mesmo a mulher inscrita em determinado discurso religioso – se desvincule em parte do “gerenciamento de gênero” ao qual se referia Tillis na citação,<sup>39</sup> e assuma (ou pelo menos camufle), através da voz da autora, uma significativa autonomia.

Roland Walter observa, remetendo a Glissant,<sup>40</sup> que uma das características da literatura da diáspora é “uma natureza assombrada pelo passado”, e essa observação nos parece adequada para ler as múltiplas tentativas operadas por Evaristo e Clifton para desconstruir as versões oficiais da história e ler em chave “assombrada” os processos de construção da sociedade brasileira e americana e dos indivíduos que nela habitam. A esse propósito, é interessante a leitura comparada dos poemas “Vozes-mulheres”, de Evaristo,<sup>41</sup> e “Slaverships”, de Clifton,<sup>42</sup> pois os dois textos abordam a travessia dos escravos no navio negreiro, relatada a partir da voz em primeira pessoa de um escravo ou descendente que olha criticamente para o passado e o questiona. Mais uma vez, o assombro do passado instiga reflexões sobre a posição do sujeito feminino, afrodescendente hoje, e se desdobra em poemas de forte apelo reflexivo, que se vinculam diretamente com a trajetória dos afrodescendentes no próprio país e cultura. Nesse sentido, se em Evaristo o poema deixa aberta a porta da esperança e da liberdade – que se conquista “na fala e no ato”<sup>43</sup> – traço de uma sociedade na qual muito ainda precisa ser feito para atingir um grau satisfatório de igualdade social –, a voz de Clifton vincula-se à tradição cultural norte-americana, e está impregnada pelo sentimento de piedade e de dor ao relembrar as condições dos escravos, e desemboca num canto que se assemelha às queixas dos *blues*.

---

<sup>39</sup> TILLIS. Mulher, negra, caribenha, canadense e lésbica: representando os vários “selves” na poesia de Dionne Brand, p. 149.

<sup>40</sup> CLIFTON. *Blessing the boats: new and selected poems 1988-2000*, p. 231.

<sup>41</sup> EVARISTO. *Poemas de recordação e outros movimentos*, p. 10.

<sup>42</sup> CLIFTON. *Blessing the boats: new and selected poems 1988-2000*, p. 121.

<sup>43</sup> EVARISTO. *Poemas de recordação e outros movimentos*, p. 11.

Já Dionne Brand efetua uma interrogação e revisão dos fatos do passado diaspórico, mas com o foco de investigar como esse passado *significa* e interfere na contemporaneidade, conforme revelam suas palavras: “Dessa maneira, estava muito mais interessada nos descendentes do vigésimo século e em como a história pairava sobre eles do que em saber se eles queriam isso ou menos, se sabiam disso ou menos, se gostavam disso ou menos”<sup>44</sup> Por isso, a autora constrói sua poética também a partir de uma reflexão contundente sobre o corpo que atua na sociedade contemporânea. De fato, ela já analisou com lucidez a presença no imaginário coletivo do corpo negro, no ensaio *A map to the door of no return: notes to belonging*, observando que, na diáspora, o corpo negro representa um signo, um espaço de cativo, um palimpsesto sobre o qual várias cristalizações e idealizações são superpostas.<sup>45</sup>

Brand se move, portanto, com plena consciência dos desdobramentos advindos da representação do corpo negro no “mundo Atlântico negro”. Mas as preocupações de Brand parecem ir além da vontade de reverter esse quadro denotativo. Se para Evaristo e Clifton o mergulho no passado ainda é uma atividade crucial para o resgate e a redefinição da identidade feminina afro-americana, assim como para repensar a inserção e a ocupação geográfica e simbólica dos afrodescendentes e da própria tradição cultural nas respectivas sociedades em formação, Dionne Brand se relaciona com questões de cunho mais global, geradas nas metrópoles multiculturais contemporâneas (como Toronto, onde Lea mora), preocupadas com questões do século 21, como meio ambiente, comunicação digital, função do ser humano num contexto virtual, mas que, paralelamente a essas preocupações, herdaram e não resolveram totalmente as questões do passado.

Nessa perspectiva, podemos dizer que as preocupações éticas e estéticas de Brand vinculam-se com a tradição teórica marxista-gramsciana na qual o Negro é também parte da história humana da exploração, mas não é o centro dessa preocupação. Em *Inventory*, por exemplo, Brand encena situações de rediasporização nas quais o corpo abordado é um elemento crucial de questionamento da sociedade global contemporânea, por efetuar o “registro emocional” das injustiças sociais, dos marginalizados, conforme observa Diana Brydon.<sup>46</sup> O corpo se torna receptáculo de um mundo em decomposição, não só da matéria, mas principalmente dos valores e do precário equilíbrio que o regem. Sua poesia social, engajada, problematiza o sentido e a prática de conceitos como “cidadania” e “individualismo”, e tenciona polos tais quais “global e local”, “resistência e apatia”, “paixão e razão”, “individual e coletivo”, levando a uma sensação de dispersão de valores e de caos existencial mantido sob controle através das normas e leis de países democráticos, laicos e “civilizados” como é e como se define o Canadá.

Para enfrentar um mundo sempre mais anônimo e hostil, governado por forças que esmagam a vitalidade das comunidades locais, Brand propõe, através de sua poética, uma valorização do emocional, uma abertura do sujeito em direção ao outro, mas não no simples sentido da tolerância, valor politicamente correto e empregado nas chamadas sociedades multiculturais que mascara a diferença, o “eu”, o *outsider*. Trata-se de uma operação mais radical, de uma revisão da episteme, na medida em que, na linha do que

<sup>44</sup> WALCOTT; SANDERS. At the full and change of Canlit: an interview with Dionne Brand, p. 24.

<sup>45</sup> BRAND. *A map to the door of no return: notes to belonging*, p. 36.

<sup>46</sup> BRYDON. Dionne Brand’s global intimacies: practising affective citizenship, p. 991.

propunham os teóricos caribenhos como Glissant, implica a escuta mais ontológica do outro considerado como diferente, uno e autônomo, mas que se constrói sempre em termos relacionais: com relação a outro indivíduo, a seu entorno ambiental, à partilha de um substrato invisível de valores e representações.

Por ser uma autora migrante e diaspórica, Brand domina instrumentos críticos e emocionais, fazendo jus a uma lucidez da mente e do coração e do que Lorraine Code definiu como “o alongamento da imaginação”.<sup>47</sup> Isso permite que suas personagens, anônimas, vejam e ouçam o que não é dito pelos canais oficiais de informação, tidos com desconfiança pelo olhar da autora: “ela escuta o que nunca foi mostrado.”<sup>48</sup> A revisão da história coteja a observação, pessimista, da desagregação do humano no sentido mais amplo na contemporaneidade, e nesse movimento de vaivém entre ontem e hoje, Brand universaliza seu canto, preocupado com a definição de uma cidadania humana, reinventada, como forma de pertencer e atuar no mundo hoje, como mulher negra migrante. O fragmento a seguir mostra bem sua intenção de nos alertar e envolver o leitor sobre a importância de preservar o planeta, prestando sua voz para desempenhar uma função de consciência coletiva que, de acordo com as já citadas reflexões de Said, consistiria no papel do intelectual atuante: “afirmo que esse grande mundo é a história, não tenho nenhuma outra”;<sup>49</sup> mesmo que essa atuação se restrinja à simples aceitação – consciente – de que nós também somos parte da destruição em curso.

A preocupação de cunho mais global gera um olhar atento e crítico para com os meios de comunicação, paralelamente a um canto de alerta para a destruição do planeta, devido ao crescimento urbano, quando afirma que “a terra já está se corroendo com as cidades”,<sup>50</sup> e reforça esse sentimento quando olha para as diferentes regiões do mundo, envolvidas em embates de cunho ambiental:

the Forest we destroyed  
as far as  
the Amazonas' forehead, the Congo's gut,  
the trees we peeled of rough butter  
full knowing, there's something wrong  
with this.<sup>51</sup>

Nesse sentido, podemos concluir que o corpo, em Brand, está mais integrado com o cosmos, interage e se vê afetado por provocações de natureza global, interagindo com o ambiente que o rodeia, não só em termos culturais e simbólicos, mas também no que diz respeito a sua geografia e ecologia.

Por outro lado, a inscrição corporal da vivência e do sentimento da diáspora se exemplifica nitidamente na obra da haitiana Marie-Célie Agnant, pois, já desde o título da coletânea de poemas *Balafres*, somos apresentados a um mundo onde os registros

<sup>47</sup> Citado por BRYDON. Dionne Brand's global intimacies: practising affective citizenship, p. 1000.

<sup>48</sup> BRAND. *Inventory*, p. 28, tradução nossa.

<sup>49</sup> BRAND. *Inventory*, p. 84, tradução nossa.

<sup>50</sup> BRAND. *Inventory*, p. 40.

<sup>51</sup> BRAND. *Inventory*, p. 31.

corporais são signos de um discurso mais profundo, que não só reenvia à biografia, mas testemunha o discurso da história de uma nação em processo de desmoroamento mergulhada nas ruínas: o Haiti. Mas, diferentemente do que ocorre em Brand, a perspectiva poética da haitiana não aborda a sociedade global originada pela nova diáspora contemporânea e suas mazelas. Agnant mantém uma conexão simbólica e afetiva muito forte com sua terra natal, e dessa relação surgem os poemas incluídos em *Balafres* e publicados em 1994.

O poema que dá título à coletânea manifesta o uso de uma série de metáforas corporais (cicatrizes, rugas, unhas) que servem para intensificar o efeito de proximidade entre a dor alheia, relatada no texto e observada pela voz lírica, e a maneira como essa dor é sentida e vivida: “sobre as rugas do mundo / para conjurar o esquecimento / quero escrever // um longo poema// as unhas fincadas na casca da terra / na cavidade da mentira / quero escrever // frases – testemunhos.”<sup>52</sup>

A observação de uma série de abusos vividos pelo eu lírico, sugeridos no poema – o esquecimento, a mentira, a cumplicidade e a censura – parece dialogar com os abusos e problemas que acometem o Haiti, mencionados ao longo do livro. Além disso, o tom trágico do texto, ressaltado pelos fonemas cortantes no original em francês, dá força à voz quase coral da autora, e acrescenta uma noção de coletividade que se ergue para abraçar a causa do mundo.

No entanto, a perspectiva gendrada norteia o mergulho crítico no arquivo da memória, pois Agnant questiona a dominação masculina vigente na própria tradição cultural, principalmente no tocante ao direito de uma mulher se tornar escritora. Nesse sentido, a autora emprega um “eu afirmativo” bem demarcado, que semeia claros indícios de uma subjetividade que gravou na pele as cicatrizes da própria história, às vezes personificada na história coletiva do país. O corpo se torna com frequência o receptáculo desse arquivo, e também a válvula de escape dos sentimentos mais contrastantes do sujeito lírico: por meio dele, ou melhor, por meio da inserção de metáforas corporais na corporalidade do texto, encarnam-se os abusos, as violências, as ternuras, os afetos, os desejos de uma Agnant porta-voz da condição dolorida dos migrantes, dos que se encontram no “entre-lugar”, no exílio, e que se agarram às palavras para elaborar o trauma da “dor mutiladora da separação” da terra natal à qual se refere Edward Said.<sup>53</sup> Uma dor que não decorre do fato de estar “fora” da própria terra, e sim do fato de não saber mais voltar, por não se reconhecer mais no lugar de origem, como lemos nos fragmentos que seguem: “Eu já não sei encontrar o caminho de casa”) / “Com os anos / nem sou mais esta aqui / aquela / aquela outra do lado.”<sup>54</sup> O reposicionamento do sujeito diaspórico parece ambíguo, instável, e aponta para uma multiplicidade de *roots* e *routes*, ou seja, para noções de uma origem deslocada no tempo e na lembrança, e cujos traços humanos e geográficos também parecem ter sofrido um processo de erosão causado pelo distanciamento temporal da autora. Essa noção de origem, à luz dessas reflexões, indica novos caminhos de construção do sujeito diaspórico, *routes* que ainda

---

<sup>52</sup> AGNANT. *Balafres*, p. 14, tradução nossa.

<sup>53</sup> SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, p. 41.

<sup>54</sup> AGNANT. *Balafres*, p. 68.

estão abertas para futuros desdobramentos, mas que não permitem a cristalização, a idealização e a falsa nostalgia de um retorno utópico.

Conforme observamos, tanto Brand quanto Agnant recusam essa noção de “retorno” (veja-se o próprio título do ensaio de Brand, *A map to the door of no return: notes to belonging*), tentando ressignificar o lugar de origem (seja ele geográfico ou factual, isto é, a migração) a partir da observação crítica e distanciada das autoras, atualizando o passado escravo em Brand, ou o passado miserável e de ruínas em Agnant, e colocando-o em tensão no jogo de forças do presente.

Se considerarmos as quatro autoras em perspectiva, podemos observar que para Evaristo e Clifton o escrutínio do arquivo da diáspora parece crucial para a definição de um discurso afirmativo e de assunção da voz de um sujeito que se localiza temporal e geograficamente no seu contexto cultural. Já para Brand e Agnant, duas poetisas que vivenciaram a experiência migratória, além da consciência do legado da diáspora negra, a trajetória de dispersão parece inevitável e inclusive necessária para a construção de um novo sujeito, capaz de jogar um novo olhar sobre a sociedade civil contemporânea, fomentado pela práxis poética, civil e política.



#### RESUMEN

Este artículo pretende poner en diálogo la producción poética de cuatro autoras afrodescendientes contemporáneas (Dionne Brand, Lucille Clifton, Conceição Evaristo y Marie-Célie Agnant), con el objetivo de verificar de cuál manera ellas se acercan y actualizan temáticas caras a la diáspora africana que originó las sociedades donde ellas se formaron. Por otra parte, se desea verificar cómo el proceso migratorio de dos de ellas (Brand y Agnant) interfiere en la elaboración de sus universos poéticos, actualizando las cuestiones de la diáspora a partir de las perspectivas globales contemporáneas.

#### PALABRAS-CLAVE

Migración, poesía femenina, diáspora africana

#### REFERÊNCIAS

- AGNANT, Marie-Célie. *Balafres*. Montreal: CIDHICA, 1994.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. A nova diáspora e a literatura de autoria feminina contemporânea. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: EDUFAL, 2006. p. 191-199.
- BRAND, Dionne. *A map to the door of no return: notes to belonging*. Toronto: Vintage, 2001.
- BRAND, Dionne. *Inventory*. Toronto: McClelland & Stewart, 2006.
- BRYDON, Diana. Dionne Brand's global intimacies: practising affective citizenship. *Quarterly*, University Toronto, v. 76, n. 3, p. 990-1006, Summer 2007.

- CLIFFORD, James. Diasporas. *Cultural Anthropology*, v. 9, n. 3, p. 302-338, Aug. 1994.
- CLIFTON, Lucille. *Blessing the boats: new and selected poems 1988-2000*. New York: Boa Editions, 2000.
- DAVIES, Carole Boyce. *Black, women, writing and identity: migrations of the subject*. New York: Routledge, 1994.
- DAVIES, Carole Boyce. Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 747-630, 2010.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes femininas em afrodições poéticas: Brasil e África portuguesa. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 285-294.
- GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Moreira. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- GOMES, Heloisa Toller. Visíveis e invisíveis grades: vozes de mulheres na escrita afro-descendente contemporânea. *Caderno Espaço Feminino*, v. 12, n. 15, ago.-dez. 2004.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- HARRIS, Leila. Em trânsito: o lar da diáspora nos contos de Dionne Brand. In: ALMEIDA, Sandra Regina G.; DINIZ, Dilma Castelo Branco; DOS SANTOS, José (Org.). *Migrações teóricas, Interloquções culturais*. Belo Horizonte: Argomentum Editora, 2009. p. 87-96.
- HOOKS, Bell. Intelectuais negras. Trad. Marcos Santarrita. *Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, p. 464-478, 1995.
- MCKITTRICK, Katherine. *Demonic grounds: black women and the cartographies of struggle*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.
- NDIAYE, Pap. *La condition noire*. Essai sur une minorité française. Paris: Gallimard, 2009.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Diasporas old and new: women in the transnational world. *Textual Practice*, p. 245-296, 1996.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 128 p.
- SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: myths of homeland and return. *Diaspora*, v. 1, n. 1, p. 83-99, Spring 1991.

- SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- SASSEN, Saskia. *The global city: New York, London, Tokio*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- SCOTT, David. That event, this memory: notes on the anthropology of diaspora in the New World. *Diaspora*, v, 1, n. 3, p. 261-284, 1991.
- TILLIS, Antonio. Mulher, negra, caribenha, canadense e lésbica: representando os vários “selves” na poesia de Dionne Brand. In: ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; DINIZ, Dilma Castelo Branco; DOS SANTOS, José (Org.). *Migrações teóricas, interlocuções culturais*. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2009. p. 149-162.
- WALCOTT, Rinaldo; SANDERS, Leslie. At the Full and Chane of CanLit: an interview with Dionne Brand. *Canadian Women Studies/ Les Cahiers de la Femme*, v. 20, n. 2, p. 22-26, 2000. Disponível em: <<http://PI.library.yorku.ca/ojs/index.php/cws/issue/view/443/showToc>>. Acesso em: 26 mar. 2011.
- WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das América*. Recife: Coleção & Letras, 2009.
- WALTERS, Wendy. *At home in diaspora*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.